

Linhas gerais das experiências da consciência desde o *primeiro capítulo (Certeza Sensível)* até o *quinto capítulo (Certeza e verdade da razão)* – ou desde a *seção (A) Consciência* até a *seção C(AA) Razão*

As citações das passagens da Fenomenologia do Espírito são retiradas dos seguintes textos: 1) Hegel, G. *Phänomenologie des Geistes*. Hamburg: Felix Meiner, 1988. [=PhG]; 2) Hegel, G. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1992. [=FE].

A *seção (A) Consciência – a Certeza Sensível, Percepção e Força e Entendimento* – representa a posição da consciência que se encontra diante do essente a ela contraposto: o ser-outro (Anderssein) como se fosse um em si (an sich) (FE 233, p. 173; PhG, p. 158). Ao longo da *seção (A) Consciência*, o objeto é interpretado pela consciência fenomênica como existindo sem a participação da própria consciência: a verdade ou a essência aparece, para ela, como a “determinidade do ser” (FE 233, p. 174; PhG, p. 158).

Na *seção (B) Consciência-de-si*, a consciência faz a experiência de que ela se encontra no objeto, e o objeto, em si mesma: em si, ela tem o Outro, e, no Outro, a si mesma. Surge, então, a consciência-de-si. Se, na seção anterior, o ser-outro era um em si, agora o ser-outro é “somente para ela” (FE 233, p. 174; PhG, p. 158). A determinidade do ser só é legítima enquanto o ser é para a consciência, tal como é o caso, por exemplo, da vida disponível aos desejos da consciência e do escravo que serve ao senhor.

A *seção (C) (AA) Razão* supera as deficiências das experiências passadas. O objeto não é mais um em si independente da consciência, como na *seção (A) Consciência*, ou um ser-outro por ela e nela mesma absorvido, como na *seção (B) Consciência-de-si*, pois “ambos os lados [aquelas experiências das seções (A) e (B), *Consciência* e *Consciência-de-si*, LAV] se reduzem a *uma* verdade: o que é ou o Em-si somente é, enquanto é para a consciência; e o que é para ela, é também em si” (FE 233, p. 174; PhG, p. 158s). No momento da razão a consciência é “imediatamente igual a si mesma no *ser-Outro*, ou na diferença absoluta” (FE 235, p. 175; PhG, p. 160). Não há, assim, um ser-outro desgarrado e alheio à consciência, bem como ela não reduz o ser-outro a si mesma. Por isso, a razão “é a certeza da consciência de ser toda a realidade” (FE 233, p. 173; PhG, p. 158). A razão toma posse do mundo, pois, na verdade, toma posse de si mesma, já que ele é um outro dela mesma.